

AS SEMENTES CRIOULAS COMO BASE DA EXISTÊNCIA CAMPONESA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

GABRIEL BARCELLOS NUNES¹; VANIA GRIM THIES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – gabrieljornal@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a preservação das sementes crioulas como forma de relacionar a existência camponesa e como base para a construção do conhecimento, conforme os princípios do movimento “Por uma Educação do Campo”. O trabalho está elaborado a partir de um recorte de pesquisa de doutorado, junto ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPeI), na qual os processos de existência e resistência do campesinato e a construção da conscientização camponesa (Freire, 1979) estão no centro do debate na relação dialógica com estudantes de uma escola do campo do município de Piratini/RS.

A pesquisa tem, desta forma, a semente crioula como principal objeto, a partir das quais busca-se compreender a relação com a escola do campo e os camponeses do território. Neste contexto, a construção da Educação do Campo, iniciada nos debates do Movimento Sem Terra (MST), propõe uma educação e uma escola que sejam pensadas pelos e para os camponeses, valorizando e respeitando seus saberes e experiências. Assim, a Educação do Campo converge com a proposta escolar que será analisada e também com o olhar proposto na pesquisa.

As sementes crioulas são os elementos da vida camponesa que pertencem às famílias, com suas histórias, modo de cultivo e utilizações próprias daquele grupo no seu território, não dependendo da atividade comercial, mas sendo mantidas ano a ano em uma relação familiar e individual de guarda e cuidado. Conforme Görgen; Silva; Maronhas (2021) o conceito de semente crioula é ampliado, sendo utilizado também para identificar as partes reprodutivas de vegetais e animais, sejam estas sementes, caules, rizomas, tubérculos e no caso dos animais, eles próprios.

Refere-se, portanto, a uma grande diversidade de espécies que foram selecionadas, cuidadas, melhoradas e preservadas pelos seres humanos e são mantidas por camponeses, indígenas e povos tradicionais, que passam a ser chamados de guardiões e guardiãs das sementes crioulas. Estas, normalmente passaram por um processo tradicional de melhoramento, em que são selecionadas pelos agricultores as melhores plantas e sementes: “Muitas destas variedades têm raízes profundas na história de uma comunidade ou família, remontando 30, 50, 100 ou mesmo 150 anos” (Görgen; Silva; Maronhas, 2021, p. 685).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho surge a partir de pesquisa inspirada na metodologia participante (Brandão, 2013) na qual inicialmente é realizada a observação e posterior participação em um projeto escolar com resgate das sementes crioulas. Neste texto, apresentaremos os primeiros dados da pesquisa que, entre outros

aspectos, analisa inicialmente o projeto ‘Sementes Crioulas: Liberdade e Soberania Alimentar’, desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Deputado Adão Pretto, uma escola do campo, localizada no interior do município de Piratini (RS) e que atende 94 estudantes filhas (os) de assentados da Reforma Agrária, quilombolas e agricultores e pecuaristas familiares.

Diante disso, observa-se que o projeto da escola objetiva resgatar e preservar as sementes crioulas e proporcionar momentos de troca entre os participantes no “Encontro das Sementes Crioulas”, que chegará este ano à sétima edição. As sementes que chegam até a escola, a partir de atividades feitas pelos estudantes, são então distribuídas e trocadas com os guardiões das sementes crioulas da comunidade.

Até o momento, a escola já tem catalogadas 160 variedades de sementes crioulas mantidas pelos povos do campo no município de Piratini. Estas sementes são oriundas de um processo de guarda e cuidado dos assentados, quilombolas e agricultores familiares da região. Destas variedades destacam-se 73 tipos de sementes de feijão, 20 de milho, 15 de abóboras, entre outras, como mogango, melão, melancia, amendoim, arroz. A identificação das sementes é feita pelos próprios agricultores e o projeto respeita as nomenclaturas e as histórias de cada variedade, desta forma, cada família ou grupo poderá ter uma semente única que, eventualmente, pode ser semelhante a do seu vizinho, mas com outra história.

Os registros do projeto Sementes Crioulas da Escola Adão Pretto questionam ainda como é realizada a guarda das sementes. Para esses questionamentos, aparecem respostas como a guarda em sacos de renda, meias velhas, sacos furados, garrafa pet, bambonas, em restas, soltas com a palha em um paiol (neste caso, semente de milho), pacotes de papel, na palha e no freezer. A forma da guarda também depende do tipo de semente.

Também foi indagado como as sementes disponibilizadas tinham chegado até a família. Uma das respostas aponta que a semente está há mais de 100 anos com a família, passada de geração em geração, outras relatam que foi um presente, doada por um vizinho ou algum familiar ou um amigo e a opção pelas trocas de sementes com outros agricultores também aparece. O que é recorrente é que quase todos citaram os antepassados ou o pertencimento entre gerações, sendo possível encontrar respostas como bisavós, avós e os pais, mas com um destaque à figura da mãe com maior recorrência, o que corrobora com algumas referências de que as mulheres são as principais responsáveis pela guarda e cuidado com as sementes.

Consideramos interessante que muitos abordam a semente como um presente de algum vizinho ou conhecido, o que reforça a importância das trocas para os moradores destas comunidades. Um das ocorrências se refere à semente de tomate “biofeliciano”, que é uma semente certificada pela BioNatur Sementes Agroecológicas e que foi identificada a partir de um melhoramento natural da semente feita pelo casal Feliciano e Eupídio, agricultores assentados moradores do Assentamento Conquista da Liberdade, no 2º distrito de Piratini.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As variedades tradicionais e as sementes crioulas são herança comum da humanidade, mas têm sido assediadas por grupos comerciais, já que a variedade biológica e o conhecimento também servem à agricultura tradicional, conforme Altieri; Nichhols (2003). A escola, nesta atividade, reúne as sementes que as famílias já guardam consigo e proporciona que haja a troca e, mais que isso, que

possam ser pensadas questões ligadas à diversidade biológica, cultural e social, oportunizando um debate mais amplo, pois elas “carregam dentro de si sementes de outras formas de pensar sobre a natureza e de outras formas de produzir” (Shiva, 2002, p. 17).

Considera-se também, neste contexto, que os camponeses sofrem um processo de extermínio direto ou indireto devido à exploração, expulsão da terra, privatização e apropriação dos recursos naturais (Ribeiro, 2003), fazendo-se necessário que os seus povos encontrem formas de existir e resistir. O resgate e a preservação das sementes crioulas são defendidos como formas de garantir o “direito de ser camponeses e ter uma vida digna como tais” (p. 72), ao constituir neste território espaços de autonomia e formas de agricultura justas, ambientalmente sustentáveis e solidárias. Para Freire (1996) a existência, neste caso do campesinato que defende-se alicerçada pelo cuidado com as sementes crioulas é um processo de humanização em que o ser humano se torna sujeito da própria história e na qual pode agir e refletir para a transformação.

A semente crioula garante soberania e é uma prática ambientalmente e socialmente satisfatória, pois “o que acontece aos camponeses e às sementes – base do processo produtivo rural e da soberania alimentar – afeta todos nós, já que estão na própria base do sustento da humanidade” (Ribeiro, 2009, p. 72). A presente análise parte do pressuposto de que a diversidade biológica oportunizada pelas sementes crioulas é somada a diversidade cultural. Para Shiva (2002) um sistema baseado na diversidade respeita os direitos humanos e diante disso as sementes crioulas ajudam a garantir a continuidade do campesinato, com uma maneira de pensar e de viver (Shiva, 2002).

Na mesma defesa conceitual, Ribeiro (2003) também aponta a importância da diversidade para a existência dos camponeses, considerando que os agricultores selecionam as melhores sementes e voltam a plantá-las, estando a diversidade ligada “de maneira inseparável à pequena escala e tem atores: os indígenas, os habitantes dos bosques, os camponeses, pastores e pescadores de pequena escala” (Ribeiro, 2003, p. 53 e 54). Ainda assevera que o intercâmbio de sementes tem sido considerado importante por estes povos, constituindo focos de resistência.

Ribeiro (2003) afirma que atualmente grandes grupos multinacionais detêm a maior parte das empresas que fornecem sementes, incluindo sementes transgênicas, que representam um risco para a biodiversidade, além de patentear organismos vivos, um outro problema a ser combatido, pois não leva em conta o caráter coletivo do conhecimento humano ou as experiências anteriores. Há um alerta ainda para uma tendência contemporânea do capitalismo de eliminar o direito ancestral dos agricultores guardarem suas próprias sementes para produção e melhoramento, o inverso do que propõe a escola em parceria com a comunidade, ao resgatar e cuidar das suas sementes.

4. CONCLUSÕES

Defendendo a luta pela soberania e articulação das comunidades locais para a preservação de sua diversidade e de suas sementes, Ribeiro (2003, p. 68), assevera que “as sementes são o primeiro elo da corrente alimentar. Quem controla as sementes vai controlar a disponibilidade de alimentos”. Desta forma salienta a necessidade de uma atuação firme dos camponeses e de suas organizações, como os movimentos sociais e a sua proposta da Educação do

Campo na preservação das suas sementes: “somos os povos do mundo os que teremos de tomar a iniciativa” (Rojas, 2003, p. 94).

Conclui-se, então, que a preservação e o regate das sementes crioulas que vem acontecendo no município de Piratini por iniciativa da escola do campo é uma oportunidade de contribuir para a compreensão da própria existência e da identidade camponesa dos assentados, quilombolas e agricultores familiares desta região. Compreendendo a importância do que fazem ao guardar e cuidar das suas sementes, esses sujeitos camponeses afirmam sua existência e também suas práticas de resistência e das suas lutas pela terra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, M.; NICHOLLS, C.. **Sementes Nativas: patrimônio da humanidade essencial para a integridade cultural e ecológica da agricultura camponesa.** In CARVALHO, H. Org. **Semente: patrimônio do povo a serviço da humanidade.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BRANDÃO, C. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa:** um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2013.

FREIRE, P.. **Conscientização: teoria e prática da libertação.** Um introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. (1979a)

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÖRGEN, S. MARONHAS, M.. SILVA, A. **Sementes.** In Dicionário de Agroecologia e Educação/ Alexandre Pessoa Dias [et al]. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021.

RIBEIRO, S. **Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização.** In . In CARVALHO, H. Org. **Semente: patrimônio do povo a serviço da humanidade.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

ROJAS, A.. **A contaminação com transgênicos dos milhos nativos, em Serra Juarez de Oaxaca, no México.** In CARVALHO, H. Org. **Semente: patrimônio do povo a serviço da humanidade.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente.** Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Gaya, 2002.